



Tonalidades hermenêuticas em Paulo Freire: da neutralidade à encarnação da palavra

Hermeneutic tones in Paulo Freire: from neutrality to the incarnation of the word

Flávio Henrique de Oliveira Silva⁴⁸⁴
Faculdade Teológica Sul Americana

André Borges⁴⁸⁵
Universidade Estadual de Maringá e Universidade Estadual de Londrina

Resumo: As obras de Paulo Freire estão além dos arquétipos de opressão versus libertação. Em níveis mais analíticos, tais obras acabam revelando tonalidades hermenêuticas que promovem o sentido da conscientização crítica e formação humanizadora da sociedade para quaisquer contextos. Desse modo, o artigo visa indicar tons interpretativos do pensamento freireano e dialogar com os desafios formativos contemporâneos, ressaltando a validade e pertinência dos aspectos hermenêuticos freireano que principia-se com a interpretatividade do próprio indivíduo, da ação cultural como leitura, da vida como palavra encarnada e da ontologia como ação inacabada. Assim, o artigo visa clarificar a profundidade dos escritos de Freire como métodos de leitura da vida humana, do mundo, da esfera contextual. Além disso, as tonalidades hermenêuticas de Paulo Freire denunciam posturas formativas que tendem a legitimar caracterizações bacharelescas que visam ditames das relações de produção capitalista.

Palavras-chave: hermenêutica freireana, formação, palavra encarnada.

Abstract: Paulo Freire's works go beyond the archetypes of oppression versus liberation. At more analytical levels, such works end up revealing hermeneutic tones that promote the sense of critical awareness and humanizing formation of society for any contexts. In this way, the article aims to indicate interpretative tones of Freirean thought and dialogue with contemporary formative challenges,

⁴⁸⁴ Doutor e Mestre em Teologia pela PUCPR, com pesquisas na área de Bíblia (Exegese/Novo Testamento). Especialista em Teologia Bíblica pela PUCPR e em Estudos Teológicos pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana e em Análise, Projeto e Desenvolvimento de Software pela Universidade Norte do Paraná. Docente do Programa de Mestrado em Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana.

⁴⁸⁵ Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Bacharel em Teologia Pela Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA), Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Licenciatura em Pedagogia pela Intervale. Professor na FTSA na área de Filosofia da Religião, e atuo no EAD como Professor Tutor.

highlighting the validity and relevance of Freirean hermeneutic aspects that begin with the interpretivity of the individual himself, of cultural action as reading, of life as word incarnate and ontology as an unfinished action. Thus, the article aims to clarify the depth of Freire's writings as methods of reading human life, the world, the contextual sphere. Furthermore, Paulo Freire's hermeneutic tones denounce formative stances that tend to legitimize bacalaureate characterizations that aim at the dictates of capitalist production relations.

Keywords: Freirean hermeneutics, formation, incarnated word.

Introdução

O presente artigo tem como intento considerar os aspectos hermenêuticos encontrados em Paulo Freire como promotores de libertação, de criticização, dialogicidade, ou seja, feitos que tocam a formação humanizadora.

Para a realização deste artigo, inicialmente, é preciso alegar que a pretensão não é avultar uma obra explícita deste autor para o desdobramento da fundamentação aqui proposta. O intento é abordar as obras freireanas e, no processo reflexivo de leitura e análise, indicar os seus aspectos interpretativos, os quais tradicionalmente postulam a expressão hermenêutica freireana. Desse modo, a *dynamis sustentadora* desta problemática considera a leitura dos escritos de Paulo Freire *concomitante* à identificação de seus indicadores de interpretação.

Logo, o problema abordado para este artigo é: Quais são os aspectos hermenêuticos possíveis de serem encontrados nas obras de Paulo Freire? Cabe dizer que o modo como o assunto aparece nesse educador e filósofo não está concatenado a esquemas tradicionais, e nem convencionais, ou seja, a hermenêutica freireana não tem como exclusivo desígnio ser instrumentalidade para lidar com esquemas de análise sintática-gramatical, e não se restringe a uma análise textual. O que pode se afirmar nesta introdução sobre o desdobramento hermenêutico freireano é que tal aspecto está atrelado a interpretatividade do mundo, ou seja, está encarnado quanto à compreensão das experiências dos sujeitos, da voz dos marginalizados, da dor dos oprimidos e do clamor dos esfarrapados do mundo.

Talvez este seja um dos espantos que alguém pode obter ao se deparar com a obra de Freire, pois a teoria freireana está acoplada à vivência ordinária, e não há fragmento textual desse autor que subtraia tal questão. Justamente isto é o que ele considerou como práxis, ou seja, para este pensador a teoria é a dimensão deve estar entrelaçada à existência e ao contexto dos indivíduos. Em sua obra magna *Pedagogia do Oprimido* (1987), Freire explicita sobre tal questão da práxis ponderando que;

(...) os homens são seres da práxis. São seres do *quefazer*, diferentes, por isto mesmo, dos animais, seres do puro fazer. Os animais não – admiram o mundo. Imergem nele. Os homens, pelo contrário, como seres do *quefazer*, emergem dele e, objetivando-o, podem conhecê-la e transformá-la com seu trabalho. Os animais, que não trabalham, vivem no seu suporte particular, a que não transcendem. Daí que cada espécie animal viva no suporte que lhe corresponde e que estes suportes sejam incomunicáveis entre si, enquanto que franqueáveis

aos homens. Mas, se os homens são seres do *quefazer* é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o *quefazer* é práxis, todo fazer do *quefazer* tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O *quefazer* é teoria e prática. É reflexão e ação. Não pode reduzir-se (...) nem ao verbalismo, nem ao ativismo (FREIRE, 1987, pg.70)

Destaca-se que o exercício da interpretatividade nesse filósofo avulta temáticas da esfera concreta, e não tem como caracterização lidar com dimensões abstratas, distantes da realidade, enclausuradas em dimensões teorizantes. Desse modo, nesse artigo pretende-se denotar que a hermenêutica derivada das obras de Freire se realiza como denúncia perante os métodos educacionais, políticos e sociais, uma vez que tais métodos não impetram humanização perante circunstâncias sociais, opressoras e marginais.

Outro aspecto que se objetiva neste artigo é que Paulo Freire analisa o tema da hermenêutica numa perspectiva histórica. Ou seja, ao tratar tal assunto, ele evidencia que a constituição histórica do país é marcada pelo gregarismo da vida, pela sociedade fechada, escravista e autoritária e essa obtém a predominância de uma consciência ingênua e não crítica. À medida que Freire coloca em discussão traços culturais da experiência histórica brasileira marcada pela opressão da classe dominante, o autor busca desenvolver as condições necessárias para convocar o homem e a mulher da classe oprimida para uma participação democrática instaurando um processo de libertação. Nesta perspectiva, o desenvolvimento hermenêutico freireano requer a transformação do modo de pensar de uma consciência ingênua para uma consciência crítica, criativa e ética perpassada pelo pensamento reflexivo, pelo diálogo, pelo assumir-se como um ser inacabado, um ser histórico e social e um ser de práxis.

Assim, os aspectos hermenêuticos desdobrados em Paulo Freire exigem uma formação que desenvolva o hábito de pensar reflexivo e gere potencialidade transformadora, uma vez que toma como ponto de partida a realidade ontológica da vida humana e os problemas históricos da vida do povo. Nesta perspectiva, o ser humano oprimido deixa de ser objeto dos discursos e dogmas que não são representativos, e se torna sujeito político da sua história por meio da práxis hermenêutica permeada pela reflexão, criticidade, diálogo e consciência de seu destino. A originalidade de Freire está em sua proposição de uma viragem radical no modo de vida em que a libertação da opressão mediada pela reflexão e ação torna-se condição para promover humanização. Assim, a relevância deste artigo está em mostrar como os aspectos hermenêuticos em Freire podem promover libertação, conscientização crítica e formação humanizadora.

Vale considerar que, ao buscar elucidar as tonalidades hermenêuticas em Paulo Freire, a intenção é clarificar a tradição de pensamento, isto é, esclarecer os aspectos e desvelar a sua continuidade histórica com o presente e com as possibilidades futuras de pesquisa.

1 Hermenêutica: da neutralidade à conscientização

Aproximar-se da hermenêutica freireana é algo proeminente para a questão da formação humana, pois a dinâmica dos artifícios freireanos não corresponde a uma

hermenêutica tradicional. Cabe dizer que a interpretatividade outorgada pelo pensamento deste autor não se abrevia a tonalidades que visam unicamente análise e descrição da realidade.

Pelo contrário, a destreza interpretativa em Paulo Freire abarca criticamente o mundo, a vida, a educação humana como um todo, e necessariamente alargar-se em ações – *práxis* – mediante os resultados hermenêuticos realizados. Todavia, a ausência de ações, é mera perpetuação conceitual distanciada da vida, que em olhar freireno é desdobramento interpretativo manco e míope - hermenêutica fragilizada - que constitui-se de modo desencarnado da vida, do mundo, distante das transformações educacionais, sociais, políticas e culturais. Vale dizer que esse modo freireano de arquitetar a proposta hermenêutica não é isento de influências, pelo contrário, é derivado de apropriações que o educador brasileiro realizou em demasia de vários pensadores⁴⁸⁶, sobretudo dos desdobramentos de viés hegeliano – marxista⁴⁸⁷ (1818 -1883). Cabe apontar que outras fontes que o pensador se debruçou;

(...) quando apresenta suas concepções gnosiológicas e antropológicas, que servem de fundamento para a prática pedagógica, Freire assume, embora nem sempre faça referências explícitas em seus textos, uma perspectiva teórica que está fortemente vinculada à fenomenologia e à hermenêutica. Por isso, na obra freiriana são recorrentes os temas filosóficos abordados por Wilhelm Dilthey, Martin Heidegger, Hans Georg Gadamer e Paul Ricoeur (BOMBASSARO, 2018, p. 256)

Nesse sentido, há dois pontos que cursam as obras de Freire. Tais pontos incitam quanto à distinção e à evidência de ações hermenêuticas. O primeiro ponto é categórico, ou seja, para Paulo Freire não existe neutralidade no que fere a interpretatividade da vida, do mundo, do texto. Para ele, a arte da *interpretação* –

⁴⁸⁶ A influência de Marx sobre Paulo Freire acaba por vezes se destacando como dimensão bibliográfica unívoca. Caso isso ocorra, não é possível vislumbrar a dimensão teórica plural que de fato influenciou o pensamento de Freire. Mediante isso, Peter McLaren um grande pesquisador do pensamento de Paulo Freire evidência como esse educador brasileiro é teórico que se apropriou de vários pensadores e correntes para formular seus fundamentos educacionais; -influenciada pela obra de Lucien Febvre, pela *nouvelle pédagogie* francesa de Célestin Freinet e Edouard Claparède, pelos escritos de Leszek Kolakowski, Karel Kosik, Erich Fromm, Antonio Gramsci, Karl Mannheim, Teilhard de Chardin, Franz Fanon, Albert Memmi, Jean Piaget, Amílcar Cabral e pela Teoria do personalismo cristão de Tristão de Ataíde e Emanuel Mounier (sem falar na obra clássica de Hegel, Marx, Rousseau e Dewey), a pedagogia de Freire é antiautoritária, dialógica e interativa, colocando o poder nas mãos de estudantes e trabalhadores! (McLAREN, 1999, p.25).

⁴⁸⁷ Na obra *Ideologia Alemã*, é possível verificar como Marx é pensador que denota a crítica ao mero vislumbre interpretativo conceitual, e ao mesmo tempo postula a necessidade do desdobramento de uma interpretatividade encarnada com realidade (*práxis*). Ivo Tonet ao comentar essa questão em Marx aponta que; -Vale dizer, não são as ideias, os produtos da consciência que constituem o fundamento, a matriz da realidade social. São as relações materiais, concretas, que os homens estabelecem entre si que explicam as ideias e as instituições que eles criam. Por isso mesmo, para se ter uma compreensão adequada da realidade, não se pode nem partir, nem permanecer no mundo das ideias. É preciso buscar conexão do que elas têm com a realidade objetiva. Só essa conexão permitirá entender o que os homens pensam, por que pensam desse modo e as ideias errôneas que eles criam a seu respeito! (TONET, 2009, p.12)

hermenêutica - que um sujeito apreende induz em si feitos políticos, e tais podem impetrar caracterização opressora, alienante, ou democrática e humanizadora. Deste modo é imprescindível advertir que, em perspectiva freireana, a neutralidade é pauta que cultiva a política da domesticação, da passividade, e conseqüentemente mira uma interpretação amortecida, distanciada da realidade, sem engajamento humano perante a sociedade. No entanto, em Freire, a própria história é uma possibilidade que se concretiza num panorama de politicidade, onde é impossível a neutralidade. Não existe no pensamento freireano espaço para o que pode ser classificado como *interpretatividade neutra*. O contrário de uma interpretação que se faz realmente politizada – essa que leva sempre em si posicionamentos, lutas e defesas – é movimento opressor que tende descrever da realidade como dada, fechada, acabada. Em sua obra *Medo e ousadia*, o autor denota como isso decorre em esfera educativa.

(...) há professores que dizem aos alunos para não penetrar na intimidade dos livros, na alma do texto, a fim de discuti-lo do ponto de vista do estudante. Ao contrário, dizem aos alunos para apenas descrever o texto (...) só devem descrever o que vêem num texto ou na sociedade, e nada além disso, porque os professores dizem que não cabe aos cientistas interpretar, mas apenas descrever. Claro que irão mais longe e dirão que aos cientistas não compete sequer pensar em mudar a realidade, mas apenas descrevê-la. Nesse tipo de compreensão ideológica do ato do conhecimento, isso é o que chamamos de neutralidade ou objetividade da ciência (FREIRE, 1986, p.16).

É evidente que Freire, como pensador, desarticula o espectro de neutralidade e denuncia tal ponto como opressividade que suscita implicações negativas para os seres humanos. A neutralidade frente ao mundo reflete medo e inautenticidade humana. Este medo quase sempre resulta de um –compromisso contra os homens, contra sua humanização, por parte dos que se dizem neutro, pois “estão comprometidos consigo mesmos, com seus interesses ou com os interesses dos grupos aos quais pertencem. E como este não é um compromisso verdadeiro, assumem a neutralidade impossível” (FREIRE, 1979, p.19).

Perante tal questão, a segunda característica ambiciona mostrar que o viés interpretativo, segundo a perspectiva freireana, tem como desígnio a *conscientização*, conceito esse que em Freire abrange a *críticidade*, a autonomia, a liberdade, e superação da opressão. Além disso, não se vê aqui as dificuldades em abalizar - e isso é uma tese que incide a percepção diante Freire – que *interpretar e conscientizar* se equivalem em certa medida ao pensamento deste autor. Assim, compete destacar que a *interpretatividade consciente freirerana* não tem apreensão na instrumentalização conceitual, essa que tende para uma acomodação distante da do mundo, do povo.

Quanto mais conscientização, mais se desvela a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em estar frente à realidade assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética

constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece. Conscientização não está baseada sobre a consciência, de um lado, e o mundo, de outro; por outra parte, não pretende uma separação. Ao contrário, está baseada na relação consciência - mundo. Tomando esta relação como objeto de sua reflexão crítica, os homens esclarecerão as dimensões obscuras que resultam de sua aproximação com o mundo. A criação da nova realidade, tal como está indicada na crítica precedente, não pode esgotar o processo da conscientização. A nova realidade deve tomar-se como objeto de uma nova reflexão crítica. Considerar a nova realidade como algo que não possa ser tocado representa uma atitude tão ingênua e reacionária como afirmar que a antiga realidade é intocável. A conscientização, como atitude crítica dos homens na história, não terminará jamais. Se os homens, como seres que atuam, continuam aderindo a um mundo feito, ver-se-ão submersos numa nova obscuridade. A conscientização, que se apresenta como um processo num determinado momento, deve continuar sendo processo no momento seguinte, durante o qual a realidade transformada mostra um novo perfil (FREIRE, 1980, p.15 - 16).

Assim, verifica-se que os escritos deste educador advertem que toda interpretatividade agenciada pelo humano deve desembocar em engajamento com a realidade. Nesse sentido, jamais Paulo Freire abre precedentes para o que *Zigmunt Bauman* apontou de *expectação adormecida*, expectativa essa que reflete sujeitos, sociedades, e instituições moderadas na individualidade e que dispensam toda responsabilidade do agir perante as *realidades circunstanciais* (BAUMAN, 2017).

Vale lembrar que arte da interpretação para Freire não se enquadra no exercício de *mentalização abstrata cognoscente*. Pelo contrário, o ser humano em Freire é sujeito de capacidade interpretativa, não somente para memorizar, mas para questionar, perguntar, romper, criticizar, dialogar.

2 Hermenêutica: leitura do mundo e leitura da palavra

Se no tópico anterior conjecturou-se mais sobre a negação da neutralidade, e o tópico da conscientização, neste segundo momento pretende-se realçar mais o feitio de como essa hermenêutica incide pelos apontamentos que Freire denota de *leitura do mundo e leitura da palavra*. Nestas caracterizações existe judiciosa dinâmica interpretativa que advém de Freire e merece atenção. Assim, Paulo Freire diz que:

Toda leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior do mundo, de tal maneira que ler mundo e ler palavra se constituam um movimento em que não há ruptura, em que você vai e volta. E ler mundo e ler palavra, no fundo, para mim, implicam reescreve o mundo. Reescrever com aspas, quer dizer, transformá-lo. A leitura da palavra deve ser

inserir da compreensão da transformação do mundo, que provoca a leitura dele e deve remeter-nos, sempre, à leitura de novo do mundo (FREIRE; BETTO, 1986, p.15).

Algo que necessita de atenção a partir do fragmento acima se pauta na caracterização que Freire estabelece para o conceito de *leitura*³. Na obra de Paulo Freire, *ler o mundo e ler a palavra* são condições que se atrelam à consciência cultural que os sujeitos devem alcançar, pois esta condição é alicerce freireano que não contribui com os artifícios e correntes argumentativas que tendem em interpretar *a priori* vida e mundo.

As asseverações *a priori* são consideradas na obra freireana como formulações alienadoras, que aspiram refutar no ser humano a dinâmica existencial de criação cultural. Por conseguinte, tais bases *a priori* cobiçam em negar o compromisso humano com a transformação social e negar o compromisso dos sujeitos com a própria vocação ontológica, essa que em Freire não se ajusta entre *o ser e o não-ser*, mas se promove entre *o ser e o ser mais*.

Assim, cabe apontar que *ler o mundo e ler a palavra* em ótica freireana não condiz com negligência cultural humana, pois é somente na dimensão consciente cultural que os sujeitos obtêm a capacidade de recriar e superar as percepções existenciais e mundanas, que se apresentam como mágicas e dominantes. Deste modo, é importante destacar como Paulo Freire se refere a essa dimensão cultural humana.

Na medida em que o homem, integrando-se nas condições de seu contexto de vida, reflete sobre elas e leva respostas aos desafios que se lhe apresentam, cria cultura. A partir das relações que estabelece com seu mundo, o homem, criando, recriando, decidindo, dinamiza este mundo. Contribui com algo do qual ele é autor... Por este fato cria cultura. A cultura, para Paulo Freire, tem, com efeito, um sentido muito diferente e muitíssimo mais rico do que tem no uso ordinário. A cultura – por oposição à natureza, que não é criação do homem – é a contribuição que o homem faz ao dado, à natureza. Cultura é todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros homens. A cultura é também aquisição sistemática da experiência humana, mas uma aquisição crítica e criadora, e não uma justaposição de informações armazenadas na inteligência ou na memória e não "incorporadas" no ser total e na vida plena do homem. Neste sentido, é lícito dizer que o homem se cultiva e cria a cultura no ato de estabelecer relações, no ato de responder aos desafios que lhe apresenta a natureza, como também, ao mesmo tempo, de criticar, de incorporar a seu próprio ser e de traduzir por uma ação criadora a aquisição da experiência humana feita pelos homens que o rodeiam ou que o precederam (FREIRE, 1980, p. 38).

Deste modo, avalia-se que ler o mundo e ler palavra em Paulo Freire é promover realização da ação cultural dos sujeitos, ação essa que permite que eles se vejam como seres criadores de si mesmos e da realidade que os cerca. O que Paulo Freire tenta demonstrar através de suas obras, e que serve de chave interpretativa perante a realidade é que –(...) a realidade proibitiva ou não do pensar e do atuar autênticos, é criação dos homens. (...) Os homens que a criam são os mesmos que podem prosseguir transformando-a (FREIRE, 1979, p. 18). Assim, a possibilidade hermenêutica apontada por Freire, como ler o mundo e ler a palavra, não deve ser compreendida com uma categoria abstrata de ideias humana, pois como o próprio autor diz: (...) não é através das ideias, da imaginação, que libertas, mas é através da superação das coisas concretas (FREIRE, 1986, p.52). Essa metodologia de freire – *ler mundo e ler palavra* - que aferiu-se como interpretativa, é totalmente emancipadora, uma vez que tende a conscientizar os seres humanos de suas potencialidades criadoras.

Frei Betto, dialogando com Freire e com Ricardo Kotscho, faz apontamentos interessantes no que tange ao desdobramento dessa interpretatividade tão enviesada pela obra freireana. Ele diz que;

No momento em que o homem emerge da percepção da vida como mero processo biológico para a percepção da vida como processo biográfico, histórico, ele começa a fazer da sua revolta (...) um potencial de contestação política. Ele começa a situar-se como um ser político (FREIRE; BETTO, 1986, p. 43).

Portanto, a não conscientização cultural dos sujeitos é a negação do que Freire caracteriza em sua obra de *ler o mundo e ler a palavra*, e também se pode proferir que tal negativa promove o que esse educador tanto condenou, ou seja, sujeitos fechados, de compromissos inautênticos, que aceitam valores sem criticidade, sem questionamento, sem diálogo, sujeitos de mentalidade servil, ajustados em ideologias dominadoras, que tendem em descrever o mundo e a vida com desígnios da domesticação.

3 Vida como palavra encarnada

Outro ponto freireano que cabe notar, justamente no que tange ao feitiço hermenêutico, é o tipo de palavra que ganha espaço em suas abordagens. Para Freire, pode-se alegar que a palavra desvinculada da vida é infértil para uma verdadeira interpretação da realidade. Se de fato deseja-se interpretar a realidade que cerca a humanidade, deve-se aprender, segundo o método freireano, o universo vocabular que advém do povo, que parte da vida, que surge da contextura social, que incide dos oprimidos e injustiçados, pois, essa é a palavra que de fato promove o desvelamento do mundo, e não fica presa a mera decifração sintática de verbos, de substantivos, de artigos.

Neste sentido, cabe observar que na obra deste autor a palavra que não pensa a vida, o mundo, o povo, repercute em alienação e formação de sobrevalorização da memória, promotora de uma repetição mecânica que não tem função de agenciar uma verdadeira reflexão, problematização, autonomia e liberdade.

Para Freire, uma palavra desvinculada do mundo gera somente verbosidade, superficialidade e saber ingênuo ante o mundo. Portanto, em perspectiva freireana (2005), o saber ingênuo é saber desvencilhado de toda crítica, que coloca o ser humano em estado de vítima de seu sistema. Toda essa questão abordada em prol da palavra engajada com sua realidade, e da palavra desvinculada de seu contexto está ligada à crítica educacional que Freire realizou em seu tempo, pois a escola, no olhar de Freire, era de proposta bancária e de pouca relação com seu contexto. O próprio Freire destaca essa questão quando fala

De uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. A da intimidade com eles. A da pesquisa ao invés da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida. A educação do eu me maravilho e não apenas do eu fabrico. A da vitalidade ao invés daquela que insiste na transmissão do que Whitehead chama de *inert ideas* – Idéias inertes –, quer dizer, idéias que a mente se limita a receber sem que as utilize, verifique ou as transforme em novas combinações. (FREIRE, 1967, p. 93).

De modo similar ainda é possível notar como tal questão, ponderada pelo olhar freireano ganha ênfase na atualidade. Claro que novas complexidades se atrelam a esse ponto colocado por Freire. No entanto, há pensadores *pós-modernos* como o sociólogo *Zygmunt Bauman* e o jornalista *Thomas Leoncini*, que têm discutido temas que já foram apontadas pelo educador. Bauman adverte que:

Agora é fundamental compreender e avaliar de imediato o gap entre os saberes formalizados (os escolares) e os concretos. O que está emergindo no plano global é uma difusão maior dos saberes formalizados (o nível de instrução é decididamente mais alto em relação ao passado); mas a formalização dos saberes não vai *pari passu* com a capacidade, com a arte de saber gerir o concreto, transformando em prática cotidiana o saber formalizado. Chamo-a de arte (provavelmente atraindo algumas críticas) porque é uma capacidade subjetiva e ao mesmo tempo criativa, conscientemente criativa e muito difícil de se reproduzir com exatidão entre indivíduos diversos (BAUMAN; LEONCINI, 2018, p. 86-87).

Ao se deparar com o apontamento do fragmento acima, considera-se como as ponderações interpretativas levantadas em Paulo Freire ainda ecoam na história e são ricas para a dialogicidade e desdobramentos com a realidade atual, justamente no que diz respeito à educação.

Assim, não seria demais reapontar o que Freire já fez sobre a educação, isto é, há ainda muita atenção a ser dada, ou seja, toda a dinâmica da interpretatividade continua ecoando muito sobre uma atualidade que ainda abre espaços para os discursos sobre neutralidade, que ainda nega a ação cultural dos homens e que não leva em conta palavra encarnada com a realidade.

4 Hermenêutica ontológica: abertura e inacabamento

Expressões como *abertura*, *condição de ser mais*, *inconclusão* e *inacabamento* permeiam a obra de Freire e são termos hermenêuticos, ou seja, chaves interpretativas que, além de servir para a compreensão e a denúncia da condição opressiva, contribuem para a superação delas e, mais ainda, ensinam a pensar e compreender um novo modo de ontologia, da sociedade, da política e da história cultural.

Este modo de conceber o pensamento de Paulo Freire coloca o leitor atual em contato com a realidade pós-moderna, uma vez que uma das tônicas da pós-modernidade é a expressão *abertura*. Isto fica bem claro quando se depara com o que os pensadores atuais têm abalizado. O ramo conceitual que surge na atualidade para ordem *das interpretações* das realidades ratifica sim a exigência *da abertura*, *inconclusão*, *inacabamento como condições de* um emanar hermenêutico, que enriquece a compreensão ante os sujeitos, instituições, gêneros, religiões, culturas, políticas. O filósofo italiano Gianni Vattimo exemplifica isso melhor ao dizer que:

A filosofia entre os séculos XIX e XX criticou radicalmente a ideia de história unitária revelando precisamente o carácter ideológico destas representações. Assim, Walter Benjamin, num breve escrito de 1938 (*Tesi sulla filosofia della storia*), afirmou que a história como curso unitário é uma representação construída pelos grupos, e pelas classes sociais dominantes. De facto, que se transmite do passado? Nem tudo o que aconteceu, mas apenas aquilo que parece relevante: por exemplo na escola estudamos muitas datas de batalhas, tratados de paz, revoluções; mas nunca nos narraram as transformações do modo de nutrição, do modo de viver a sexualidade, ou coisas semelhantes. Assim, aquilo de que fala a história são as vicissitudes da gente que conta, dos nobres, dos soberanos, ou da burguesia quando se torna classe de poder: mas os pobres, ou os aspectos da vida que são considerados baixos, não fazem história. Se se desenvolvem observações como estas (segundo uma via iniciada, antes de Benjamin, por Marx e Nietzsche) chega-se à dissolução da ideia de história como curso unitário; não há uma história única, há imagens dos passados propostas por pontos de vistas diversos, e é ilusório pensar que existe um ponto de vista supremo, global, capaz de unificar, todos os outros (como seria a história, que engloba a história da arte da literatura, das guerras, da sexualidade, etc.) (...) O ideal europeu de humanidade revelou-se como um ideal entre outros, não necessariamente pior, mas que não pode, sem violência, pretender valer como verdadeira essência do homem, de qualquer homem (1992, p. 9-10).

Nesse sentido, ao olhar para o que Vattimo pondera, pode-se afirmar que a grande sagacidade de Freire foi apontar em sua obra a possibilidade hermenêutica de *abertura*, *inconclusão* e *inacabamento*. Tal aspecto, para ele, é de tônica do humano, ou seja, o ser humano se entende como inconcluso e inacabado é o mesmo que movimenta e dá dinâmica de abertura para si, para o próximo e para a realidade que o cerca. Paulo Freire sabe que esta é uma questão – abertura, inconclusão, inacabamento – cara do humano e aponta para essa questão justamente ao levantar o aspecto educacional.

Começamos por pensar sobre nós mesmos e tratemos de encontrar, na natureza do homem, algo que possa constituir o núcleo fundamental onde se sustente o processo de educação. Qual seria este núcleo captável a partir de nossa própria experiência existencial? Este núcleo seria o inacabamento ou a inconclusão do homem. O cão e a árvore também são inacabados, mas o homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um seracabado. O homem pergunta-se: quem sou? de onde venho? onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante educação (FREIRE, 1979, p.79).

Pode-se assim apontar que Freire é autor que subverte e quebra a ordem hermenêutica de fechamento, que tem como função impor sobre os seres humanos uma leitura e interpretação taxada na adaptação, aceitação, exportação, de dominação. De certa forma, esta hermenêutica obteve traços na história da realidade brasileira, e que ainda hoje luta para ganhar espaço. No entanto, a hermenêutica freireana de abertura é libertadora, tende a conscientização de inconclusão dos sujeitos, para que esses se vejam como seres criadores de si mesmos e da realidade que os cerca e não aceitem uma imposição que os leve à alienação de adaptação, a-histórica, impedidos de pensar e agir. A dinâmica hermenêutica freireana sempre vem ao encontro para que ela possa alocar-se de modo libertador no *modus operandis* que a incide. E, para ele, isto não deixa de ser uma ação cultural do humano que procura evitar todo tipo de opressividade, antes o ser humano tem como objetivo obter um sentido existencial autônomo. É nessa dinâmica que ocorre a conscientização, a problematização e acontece o jogo analítico da vida *no e com o mundo (práxis)*.

Contudo, ressalta-se que a exigência da hermenêutica freireana é demasiadamente relevante para a reflexão atual, pois, a interpretação promovida por esse pensador visa sempre a noção de abertura, de inconclusão, de inacabamento, condições essas que servem para melhor compreensão dos sujeitos, das instituições, dos gêneros, das religiões, das culturas, das políticas, e que visam a humanização.

Conclusão

Vale observar que para Freire, uma grande tonalidade para o desenvolvimento da vivência democrática é pautado por essa conscientização hermenêutica que evidenciada, pois, nessa dimensão, segundo a percepção freireana, ocorre um agir educativo que permite uma dinamicidade que suscita à iniciativa, a participação, a dialogicidade, a responsabilidade, questões essas que são importantes para a formação democrática ante toda complexidade social. Uma educação que se pautar nessas considerações hermenêuticas é considerada como uma *educação aberta*, que permite ao ser humano a conscientização de sua responsabilidade histórica e cultural.

No entanto, o contrário de disso é fomento para perpetuação de *inexperiência democrática*, para *educação fechada em si*, que consiste em recusar aos sujeitos um desenvolvimento participativo social e cultural, e conseqüentemente engessar os indivíduos em propostas formativas colonizadoras, essas que por vezes são formadas e

prescritas pelos modos opressivos de uma tradição histórica alienada de um modo de vida democrático.

Contudo, a hermenêutica da qual Paulo Freire defende é para vida, não é doutrinadora, não visa o mero academicismo, mas, é hermenêutica que se faz no e com o mundo. Em Freire vemos constantemente que a arte da interpretatividade de fato é aquela que aponta para as responsabilidades da vida, para as intervenções e lutas que promovem liberdade e autonomia. Essa dinâmica hermenêutica não se faz do dia para noite, mas, é conquistada, se realiza negando as decisões verticalizadas e não aceitando ideias desvinculadas da vida. Cabe ressaltar que a hermenêutica pedagógica freireana é sobretudo princípio humanizador, e evidentemente é algo que pode e deve ser possibilitado pelo viés educacional.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt; LEONCINI, Thomas. *Nascidos em tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. *Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho*. São Paulo: Ática, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 48ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. Editora paz e terra, 1986.
- FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- MONTEIRO, Agostinho Reis. (Universidade de Lisboa) Comunicação – *Paulo Freire e o direito à educação*, apresentada no I Encontro Internacional sobre Paulo Freire. (Documento arquivado no Instituto Paulo Freire, abril de 1998).
- STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. 4. Ed. ver. E amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018
- VATTIMO, Gianni. *Sociedade transparente*. Editora Relógio da água, 1992.